

HATOUM: TRÂNSITOS E NEUROSES ENTRE MACHADO E CORTÁZAR

Cristiane de Mesquita Alves (UNAMA/Bolsista CAPES)¹

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar como o mito individual do neurótico se forma e o narcisismo se consolida no comportamento das personagens de três contos da Literatura, tornando-os próximos às práticas neuróticas e narcísicas, a partir da leitura principal do conto *A casailhada*, de Milton Hatoum, almejando comparar a ação e as atitudes de *Lavedan* às protagonistas de *El río*, de Julio Cortázar e a Meneses de *Missa do galo* de Machado de Assis, intertextualizando passagens nos contos, em que transitam entre si, para explicar o comportamento anormal e/ou não esperado de *Lavedan-narrador (marido)-Meneses*, em um processo de identificação e reconhecimento.

Palavras-chave: Neurose; Narcisismo; Trânsitos; Identidades.


Notas introdutórias sobre o sujeito neurótico

O homem que não tem vida interior é escravo de seus arredores.
Henri Amiel

O sujeito passa a se comportar como um neurótico, a partir do momento em que se desvia da realidade social em que perdeu valor para ele, fazendo com que se volte para a vida de fantasia, na qual cria novas formações de desejos anteriores, esquecidas, e se vê “finalmente, levado a comportamentos que nos mostram que as construções neuróticas do obsessivo acabam às vezes por confinar com construções delirantes.” (LACAN, 2008, p. 22).

Nesse sentido, quando o indivíduo se encontra nessas condições em seu cotidiano, coincide e convive com elementos oriundos do real e o irreal. Esse mistério esparso inquieta o sujeito, estimula sua curiosidade e o incita a buscar a fonte do malefício, como se essa dúvida alimentasse sua existência social. Para esse tipo de sujeito, um dos tipos de neuróticos postulados por Freud, ao qual pertence à maioria dos seres humanos, “a possibilidade de adoecimento começa, [...] com a abstinência, o que permite avaliar o quão importantes podem ser, para o desencadeamento da neurose, as limitações culturais no acesso à satisfação.” (FREUD, 2016, p. 72), a busca pelo seu objeto de pavor, que o atrai e que ao mesmo tempo, evita, essa iniciação ao terror, confunde-se com a sua fantasia, com a sua própria realidade, a qual levará o indivíduo a duvidar dos acontecimentos sociais em que ele está inserido, dando início ao que Lacan postulou

¹ Graduada em Letras (UEPA), Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA), Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC (UNAMA/ Bolsista Prosup/Capes). Contato: cris.mesquita28@hotmail.com.




como o mito do indivíduo neurótico, em que o mito é o que dá uma formulação discursiva "a algo que não pode ser transmitido na definição da verdade, porque a definição da verdade só pode se apoiar sobre si mesma, e é na medida em que a fala progride que ela a constitui." (LACAN, 2008, p. 13), levando o indivíduo a recorrer às explicações das coisas pelas vias da sobrenaturalidade, por dons milagrosos, ou por delírios.

Partindo-se desses pressupostos freudiano/lacanianos, têm-se as personagens Lavedan protagonista do Conto *A casa Ilhada* do escritor manauara Milton Hatoum, o Marido- nesse estudo, assim será chamado o narrador-protagonista do conto *El rio* do naturalizado argentino Julio Cortázar e Meneses, marido de Conceição do conto *Missão do Galo* de Machado de Assis; homens que representam sociedades de épocas literárias distintas, entretanto comungam de delírios e práticas narcísicas conjugais semelhantes, nos quais se percebe "os vultos literários do passado" (REMAK, 2011, p.197), além dos "laços de analogia, fronteiros" (PICHOS & ROUSSEAU, 2011, p. 231), que fazem com que se constatem os trânsitos temáticos entre os textos selecionados para este estudo de Literatura Comparada, uma vez que se observa que os três agentes personificam a performance dos neuróticos, a realidade imperativa do real que tem "precedência sobre tudo o que o atormenta infinitivamente. [...] Esse roteiro fantasístico apresenta-se como um pequeno drama, [...] que é precisamente a manifestação do mito individual do neurótico." (LACAN, 2008, p. 25), fazendo com que não se saiba até que ponto o indivíduo neurótico leva "quanto tempo pode tolerar esse aumento da tensão psíquica, e que caminhos irá tomar para se livrar dele" (FREUD, 2016, p. 72), como se comprovará nos trechos dos contos.

Neuróticos que transitam à espreita

O sujeito neurótico não percebe que seu comportamento está alterado. As neuroses e as psicoses se originam a partir do conflito do Eu com várias instâncias que o controlam, as quais estão associadas a um fracasso na função do Eu, que mostra seu esforço em conciliar as exigências das diversas instâncias relacionadas aos anseios do Eu no espaço social em que está inserido. Dessa forma, o Eu se defende através do "mecanismo de recalque; o recalque luta contra esse destino, cria para si próprio caminhos sobre os quais o Eu não tem nenhum poder-, um substituto que impõe ao




Eu pela via do compromisso.” (FREUD, 2016, p. 272). Dentro desse quadro, pode-se inserir o Eu de Lavedan, do conto de Hatoum. O cientista veio ao Brasil

Na véspera do Natal, Lavedan e sua mulher inglesa Harriet, fizeram uma viagem à Amazônia. Seria uma aventura, ou uma aventureosa lua-de-mel de um casal maduro. Eles viajaram de avião até Belém, onde embarcaram no Caapara; na subida do rio, conheceram dezenas de povoados à margem do Médio Amazonas. Doze dias depois, desembarcaram em Manaus. Estavam fartos de ver tanta água e floresta, fartos da solidão e do abandono dos ribeirinhos em lugares isolados, mas ávidos de festas e barulho, que Manaus tem de sobra. Não foi difícil o casal entrosar com uma turma de hedonistas manauaras. Fizeram amizades no Clube dos Ingleses, [...]. Ambos se entusiasmaram com a possibilidade de morar na cidade, mas essa conjectura foi interrompida bruscamente na madrugada de um dia que Lavedan indicou na carta: 15 de fevereiro de 1984. Dois dias depois, Lavedan voltou sozinho para a Europa. Nessa carta ele escreveu que deixou Manaus e a esposa por causa de um dançarino. (HATOUM, 2009, p. 72-73)

Depois da traição, o cientista suíço voltou à Amazônia, aos seus estudos, mas não voltou à rotina de sua vida pessoal. Lavedan era um homem misterioso e ao mesmo tempo sereno; sufocava com seus “pesadelos com o par de dançarinos; às vezes, a figura ativa e agora antipática, detestável, do homem acercando-se da mesa e desviava de suas pesquisas sobre peixes. [...], a cena da dança de Harriet com o intruso o atormentava” (Ibidem, p. 74); Lavedan era um homem ambíguo, semelhante aos peixes tralhotos que pesquisava, “os olhos de Lavedan encontraram os do tralhoto, e ambos permaneceram assim: o peixe e o homem, quietos, encantados pelo magnetismo de tantos olhos voltados para dentro e para fora.” (Ibidem, p. 70). Entretanto, com este sofrimento, Lavedan mesmo assim, ainda quis ficar naquela região em que seu casamento foi destruído, como se quisesse comprovar ou buscar algo para terminar este sofrimento, e dá ao seu Eu uma explicação que lhe desse fim, já que o “Eu, descobrindo sua unidade ameaçada e prejudicada por esse intruso, prossegue na luta contra o sintoma, tal como o fez com a moção pulsional original, e tudo isso produz o quadro da neurose.” (FREUD, 2016, p. 272).

Esse quadro neurótico no conto *A Casa ilhada* pode ser constatado pela correspondência e pela fotografia de uma ilha, de uma casa, enviadas pela ex- esposa de Lavedan, pela primeira vez em 1984, um ano após ela ter o abandonado, e ele se




encontrava em Genebra. Diante dessa situação, o ódio, o ciúme, a paixão e instabilidade do Eu do cientista começaram a entrar em colapso, fazendo com que o mesmo passasse a manifestar e se comportar de modos beirando às práticas neuróticas, uma vez que as “formações delirantes, [em] algumas análises nos ensinaram que o delírio se apresenta como um remendo colocado onde originalmente havia surgido uma fissura na relação do Eu com o mundo exterior” (FREUD, 2016, p. 273), a partir de então, o Eu cria automaticamente para si uma construção de um mundo exterior e interior, e não resta dúvida sobre dois fatos de acordo com Freud (Ibidem): que esse novo mundo interior é alicerçado segundo as moções de desejo do Eu inconsciente, rompendo assim com a realidade do mundo real, em que o Eu não tem condições de acabar com seu sofrimento ou perdas e que esta ruptura com o mundo exterior foi grave e intolerável e que é preciso o Eu acabar com ela, como ele (o Eu) não pode, tem como válvula de escape, o mundo delirante do Isso (do Eu inconsciente). No caso do conto *A casa Ilhada*, o excerto:

E o pior, a cada dois anos ele recebia uma fotografia idêntica com as mesmas palavras, até que em janeiro de 1990 abriu um envelope e encontrou uma foto em preto-e-branco, sem palavras no verso. Lavedan deduziu desse silêncio uma possível fuga ou morte da mulher. O resto da história você já sabe, ele escreveu no fim da carta. (HATOUM, 2009, p. 75)

Demonstra muito bem o Eu delirante de Lavedan, que não esquecia sua perda, e mesmo que “o tempo borra certas lembranças e pode mitigar o ódio, o ciúme, talvez a esperança.” (Ibidem, p. 74), depois do término das correspondências, Lavedan voltou à Manaus para procurar a casa ilhada da fotografia,

o rosto de Lavedan, suado e vermelho, magnetizado pelo olhar do tralhoto, sua expressão de quase-felicidade ao avistar a casa depois da curva do igarapé do Poço Fundo, a pesada sacola no ombro esquerdo, o salto impetuoso na lama e os passos resolutos na direção da casa, o brilho do suor na cabeça raspada, as mãos fechadas, o corpo alto e magro irrompendo na varanda e depois na sala, sem olhar para trás...(Ibidem, p. 75)

Pela descrição do protagonista do conto, percebe-se que há uma neurose narcísica, em que o Eu do protagonista restituiu-se o seu Eu, que outrora foi destruído pela traição da mulher, volta a ele o seu Eu ideal, “o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na




infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição.” (FREUD, 2010, p.40).

A partir do fracasso da casa, “na lama e os passos resolutos na direção da casa” (HATOUM, 2009, p.75), Lavedan associa ao fracasso do relacionamento amoroso e adúltero da ex-esposa, e com passos firmes, com a certeza da restituição de seu Eu narcísico, outrora mergulhado na imprecisão da direção tralhota, de “alguém que ama [e] perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la.” (FREUD, 2010, p.46), Lavedan esquerdo, tralhoto, misterioso, humilhado no seu Eu que não se postulou (BAUMAN, 2005), pela traição e identificação de seu fracasso amoroso na concretização do adultério e abandono, diante da casa ilhada, e da possibilidade da morte da mulher “pensei num crime ou num acerto de contas, mas não foram encontrados vestígios de homicídio no episódio da casa ilhada” (HATOUM, 2009, p.75), tem agora, diante desses fatos, uma oportunidade de se curar desse processo neurótico que o atormentou e o fez negar sua própria identificação, em função de um objeto de desejo que por parte, destruiu o seu Eu narcísico e postulado.

Semelhante ao que se sucede a Lavedan, em relação a delírios, neuroses, frustrações e incapacidades de compreender sua relação conjugal, ocorre com Marido do conto *El rio*, de Cortázar. De modo geral, Marido é um homem que vive uma crise conjugal e interna. *Conjugal*: com a esposa que se faz ou não de ausente, e que tem desejo de cometer suicídio no Sena, em Paris e *interna*: em seu Eu, que problematiza um dilema: incentiva a esposa a se jogar, desdenhando de sua coragem em cometer ou não suicídio, e a presença de uma fantasia da esposa em seu sonho, que faz com que ela não se afogue, por ele está ali- no plano da fantasia, apoiando-a, como se observa no trecho: “has ido diciendo no sé qué cosa, que te ibas a tirar al Sena, [...], apenas te escucho cuando dices cosas así, eso viene del otro lado de mis ojos cerrados, del sueño que otra vez me tira hacia abajo.” (CORTÁZAR, 2017, p. 19).

A incompreensão do Marido remete a leituras teorizadas nas psicoses de neuroses, em que ele se vê aos poucos adoecendo pela loucura do fator externo, o qual ele está inserido, mas não compreende essa realidade, e essa falta de entendimento o impede de enxergar racionalmente a realidade, levando-o do estado de que

o indivíduo estava sadio enquanto sua necessidade amorosa estava sendo satisfeita por um objeto real no mundo exterior, torna-se



neurótico quando esse objeto lhe for subtraído, sem que se encontre um substituto para ele. Aqui, felicidade coincide com saúde, e infelicidade com neurose. (FREUD, 2016, p. 71-72)


Esse momento infeliz associado à prática neurótica, leva o Marido a hesitações entre a realidade e a imaginação, se ele está sonhando que a esposa iria ou não se jogar no rio, ou se ela realmente saiu de casa em direção ao Sena com a intenção de se jogar, há uma imbricação confusa entre o mundo interior do Eu (que se poderia aproximar ao sonho, já que metade do conto passa no quarto) e o mundo exterior, a realidade, como se observa no fragmento:

Entonces está bien, qué me importa si te has ido, *si te has ahogado o todavía andas por los muelles mirando el agua*, y además *no es cierto porque estás aquí dormida y respirando entrecortadamente, pero entonces no te has ido cuando te fuiste en algún momento de la noche antes de que yo me perdiera en el sueño*, porque te habías ido diciendo alguna cosa, que te ibas a ahogar en el Sena, o sea que has tenido miedo, has renunciado y de golpe estás ahí casi tocándome, y te mueves ondulando como si algo trabajara suavemente en tu sueño, como si de verdad soñaras que has salido y que después de todo llegaste a los muelles y te tiraste al agua. Así una vez más, para dormir después con la cara empapada de un llanto estúpido, hasta las once de la mañana, la hora en que traen el diario con las noticias de los que se han ahogado de veras. (CORTÁZAR, 2017, p. 19, grifos meus)

Ou se a mulher está dormindo, e o que se passa na relação não deixa de ser só um delírio de um homem recalcado que não tem mais a devida atenção e paixão correspondida pela esposa, assim como Lavedan no conto *A casa lhada*, pois o “Eu é a força que promove o recalçamento contra aquela parte do Isso e o fortifica através de um contrainvestimento da resistência” (FREUD, 2016, p. 272), e essa resistência no conto de Cortázar pode ser observada nas constantes acusações que o Marido faz em relação ao comportamento da mulher:

Me das risa, pobre. Tus determinaciones trágicas, esa manera de andar golpeando las puertas como una actriz de tournées de provincia, uno se pregunta si realmente crees en tus amenazas, tus chantajes repugnantes, tus inagotables escenas patéticas untadas de lágrimas y adjetivos y recuentos. (CORTÁZAR, 2017, p. 19-20)


Por meio das acusações que o Marido faz da esposa, percebe-se o instante agudo da crise neurótica do Marido, que faz com ele crie explicações para entender o momento



em que se passa os momentos difíceis com a esposa, levando-o a buscar um fim para o tormento, o qual é tão somente o final da busca, que pode confundir-se com a descoberta de um ser pavoroso, como se fosse um monstro. Este ser inquietante, muitas vezes, pode ser designado por qualquer objeto, no caso deste estudo, metaforizado na figura da mulher do protagonista do conto *El río*. Isso faz com que o medo do protagonista de perder algo se transforme em uma força desconhecida, aterrorizadora e indeterminada, a qual o levará a se desviar da realidade que através do impedimento persistente, perdeu valor para o indivíduo, volta-se para a vida de fantasia, na qual cria novas formações de desejos para esquecer os anteriores, causadores de angústias, isso ocorre pelo fato do objeto ameaçador aparecer a princípio como uma imperceptível fissura no real.

Por este motivo, o Marido se direciona a uma aventura sobrenatural, anormal com maior frequência, ao hesitar o local em que a mulher poderia está na realidade, verificado no exemplo: “Pero si es así me pregunto qué estás haciendo en esta cama que habías decidido abandonar por la otra más vasta y más huyente.” (CORTÁZAR, 2017 p.20), entretanto, a moral do protagonista é pessimista, e a narrativa discorre plena de sentimentos negativos – medo, horror, raiva, desgosto muito tanto dele, quanto dela “Ahora resulta que duermes, que de cuando en cuando mueves una pierna que va cambiando el dibujo de la sábana, pareces enojada por alguna cosa, no demasiado enojada, es como un cansancio amargo, tus labios esbozan una mueca de desprecio” (Ibidem), e esses tipos de sentimentos vão se intensificando até se tornarem insuportáveis, que só vão ter mais “fácil a cura vir pelo destino do que pelo médico, pois o destino pode oferecer um substituto para a possibilidade de satisfação que foi perdida.” (FREUD, 2016, p. 72), no entanto, como o protagonista e a mulher estão com o corpo “amodorrado y vencido luche por evadirse, somos a tal punto una misma cosa en ese enredo de ovillo donde la lana blanca y la lana negra luchan como arañas en un bocal” (CORTAZAR, 2017, p. 21), o pessimismo cerca vertiginosamente a relação emaranhada por um novelo de lã onde a “la lana blanca y la lana negra luchan como arañas en un bocal” (Ibidem).

Assim, “pode-se decerto dizer que estão todos incompletos, [...] que pararam no meio do caminho, pedaços de análise.” (LACAN, 2008, p. 16), que estão soltas em um círculo de informações que mesclam realidade e irreal, que Marido do conto de




Cortázar, necessita assim como Lavedan, restaurar seu Eu narcísico e postulá-lo para se sentir bem e normal, pelas vias sociais, eles precisam encontrar o amar em si e ser “amado, achar amor em troca, possuir o objeto amado, eleva-o novamente. Sendo a libido reprimida, o investimento amoroso é impossível, o reenriquecimento do Eu torna-se possível apenas retirando a libido dos objetos.” (FREUD, 2010, p. 47).

Também acontece com Meneses, personagem do conto *Missa do Galo* de Machado de Assis, apesar de observado de forma menor em relação aos outros dois personagens em estudo.

o escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios.[...]. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito. (ASSIS, 2007, p.11)

Embora seja um homem aparentemente conquistador e de casos extraconjugais, com uma amante, Meneses, pela leitura do narrador Nogueira, é um homem incapacitado e pequeno diante da grandiosidade e adjetivos concernentes à mulher: “Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido.” (Idem, p. 11-12), essa facilidade de esquecer o marido, aproximou-a de Nogueira, homem que viu nela seus atributos femininos “Tudo nela era atenuado e passivo. [...] Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar”. (Ibidem). Diferente de Meneses que não se adéqua a realidade e encantamento da mulher, o Eu dele é inferior ao da esposa, fazendo-o diminuto diante dela. O que se verifica em Meneses é um homem marcado pela percepção da impotência, da própria “incapacidade para amar, devido a distúrbios psíquicos ou físicos, tem efeito altamente




rebaixador no amor-próprio [...] uma das fontes do sentimento de inferioridade relatado espontaneamente pelos que sofrem de neurose de transferência.” (FREUD, 2010, p.46).

Como Meneses não pode mais manter a conquista em Conceição, vai em busca de casos escondidos, insignificantes como ele diante da esposa, que ao não se importar mais com as constantes traições do marido, vê-se numa condição superior a ele, inclusive a de chamar atenção de um homem muito mais jovem que ele, como no caso de Nogueira, que relata seu pequeno envolvimento com Conceição, “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal” (ASSIS, 2007, p.11). A esposa não se deixa diminuir diante de um mundo de um homem construído por fantasias e delírios, de um homem que vive à espreita e não se identifica mais com o homem do lar, mas por meio de teatro e eufemismos, que não tem respeito das próprias criadas e não é mais um símbolo de homem para se esperar pela esposa. Dessa forma, Meneses está no mesmo trânsito que Lavedan, no conto de Hatoum e Marido, no conto de Cortázar, embora no conto de Machado de Assis, a priori possa se ler que Meneses estaria em uma vantagem melhor que as outras personagens em que se está estabelecendo os entrelaços discursivos (PICHOS & ROUSSEAU, 2011). Os três homens criam para si mundos interiores, nos quais buscam de alguma forma, postular em si mesmo o Eu narcísico que foi perdido no objeto, outrora de desejo inicial de sua libido: em Lavedan busca a casa em lamas, na verdade, busca a comprovação do fracasso do relacionamento da ex-esposa; no Marido busca acusações, loucuras, em um possível suicídio da esposa; em Meneses por meio de outro relacionamento procura mostrar para si que pode conquistar outra mulher, já que a sua não está mais envolvida no relacionamento matrimonial.

Desse modo, o que se verifica é esses três homens que perderam suas libidos, e quando há o risco de isso ocorrer, a libido no Eu se desvia da realidade, que através do “impedimento persistente, perdeu valor para o indivíduo, volta-se para a vida de fantasia, na qual cria novas formações de desejos, e reanima os traços de formações de desejo anteriores, esquecidas.” (FREUD, 2016, p. 72-73), e, isso acontece com as ações e comportamentos desses três homens que são incapacitados de postularem seus Eus narcísicos.


Eus que não se postulam



O eu postulado é a “minha identidade, [...] o horizonte em direção ao qual eu me empenho e pelo o qual eu me avalio, censuro e corrijo os meus movimentos, esse é o máximo a que me pode levar. Só consigo ir até aí” (BAUMAN, 2005, p.21), está diretamente associado à capacidade do sujeito de depender de si próprio. Diante disso, o que se percebe é que o sujeito molda seu caráter e participa da formação de sua identidade que é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço; um objetivo, “como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais” (Ibidem, p. 22). No eu postulado do sujeito, ele pratica ações que dependem de si. No entanto, quando isso não sucede, o eu que deveria ser o centro de si, passa a uma espécie de dependência do objeto de desejo, passa a ser considerado como um indivíduo frustrado, comportando-se como um neurótico por se sentir impedido de se realizar, e fica a procurar “uma prova de quanto tempo tolerar esse aumento da tensão psíquica, e que caminhos irá tomar para se livrar dele” (FREUD, 2016, p. 72),

Entretanto, o que se observa é que poucas situações os eus das personagens em estudo estiveram atrelados ao eu postulado, defendido por Bauman (2005) como um dos atributos identitários; mas a um eu que aos poucos vai passando por um processo de alteração a partir do momento em que é observado pela presença do outro, e esse intruso é o responsável pela mudança no comportamento do Eu, pois, o “Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido.” (FREUD, 2010, p. 18-19).

Impedido de se desenvolver, o seu Eu devido ao atrelamento ao outro, o intruso, no caso dos contos: a mulher/ a esposa, a formação identitária desses personagens passa por uma oposição entre libido do Eu e libido do objeto, fazendo com que quanto mais se emprega uma, mais empobreça a outra. A essa etapa, a mais elevada fase de desenvolvimento “aparece como enamoramento; ele se nos apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento do objeto, e tem seu contrário na fantasia (ou autopercepção).” (FREUD, 2010, p.17-18). Isso nos contos pode ser comprovado pelas transferências dos Eus aos outros aspectos e/ou situações em que os objetos/intrusos poderiam ser castigados pelos Eus, como forma de recalcamientos, de vingança para libertar seus Eus Ideais de seus fracassos: Lavedan associa a lama da casa à mulher; Marido ao possível suicídio da esposa para se livrar dela e Meneses à amante, como uma maneira de ofender Conceição. Não obstante, as



atitudes dos maridos não têm êxitos, pois suas mulheres se demonstram objetos libidinais superiores a eles, por isso os eus dos homens, nesse estudo, não se postulam.

Algumas Conclusões


Desse modo o que se conclui em relação à análise do comportamento das personagens, nesses três contos selecionados para estudo, é que nos três homens, o motivo mais evidente que foi percebido, descoberto e compreensível em relação às práticas neuróticas e narcísicas é a subtração do Eu Ideal dos mesmos que não se postularam devido à entrada de intrusos nos relacionamentos entre o Eu e o seu objeto de desejo.

Logo assim, Lavedan, Marido e Meneses tornam-se homens frustrados, indivíduos reduzidos diante de seus objetos de desejo no mundo real, em que elas não são capazes de realizar com eles e por eles, as aspirações do Eu, levando-os a criar mundos paralelos, fantasiosos e imprecisos, no delirante mundo interior (principalmente Lavedan e Marido), em que lá, eles poderiam ter domínio da situação e do jogo conjugal, e promover desse jeito, sua autorrealização, sua felicidade.

Como sujeitos incompletos, de coração atormentado por seus problemas matrimoniais, a ação de agir de fato, como ocorre na vivência dos neuróticos e narcísicos, a realidade imperativa do real tem precedência sobre tudo o que o atormenta infinitivamente, fazendo com que a angústia os leve a criação de dramas que justifiquem suas ações, eufêmicas e teatrais para Meneses no conto *Missa do Galo* de Machado, delírios ou sonhos no caso de Marido, narrador do conto *El rio* de Cortázar e mistérios e metáforas do olhar do cientista ao do olhar estranho do tralhoto para descrever Lavedan em *A casa ilhada* de Hatoum.

Embora sejam personagens em narrativas temporais distintas, são textos que transitam entre si em relação aos perfis neuróticos e narcísicos dos protagonistas, por este motivo comparou as temáticas, sobretudo, as características das personagens que em trânsito, encontram-se na condição de neurótico à moda de Freud e à de Lacan, identificando-se com um eu não postulado ao Eu Ideal, mas a mercê do intruso e, principalmente, do objeto: das mulheres.

Referências bibliográficas



ASSIS, Machado de Assis. Missa do galo. In: *Contos Escolhidos*, São Paulo: Martin Claret, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORTÁZAR, Julio. El rio. In: *Final de Juego*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Punto de Lectura, 2017.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. (1914-1916)*. Trad. Paulo César de Souza. Obras Completas V. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Neurose e Psicose (1924). In: *Neurose, psicose, perversão*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Obras Incompletas de Freud. Vol. 5. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. Sobre tipos neuróticos de adoecimento (1912). In: *Neurose, psicose, perversão*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Obras Incompletas de Freud. Vol. 5. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HATOUM, Milton. A Casailhada. In: *A cidade ilhada*. 7ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico ou a poesia e verdade na neurose*. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PICHOIS, Claude & ROUSSEAU, André M. Para uma Definição de Literatura Comparada. Trad. Monique Balbuena. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). *Literatura Comparada. Textos Fundadores*. 2ª ed. São Paulo: Rocco, 2011.

REMAK, Henry H. H. Literatura Comparada: Definição e função. Trad. Monique Balbuena. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). *Literatura Comparada. Textos Fundadores*. 2ª ed. São Paulo: Rocco, 2011.